Anais | III Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura - SEMLACult
Actas | III Seminario Latinoamericano de Estudios en Cultura - SEMLACult
Novembro de 2020, Online | semlacu.lt
Resumos Expandidos

Biofilia: a importância do verde sob o olhar do design

Biofilia: la importancia del verde desde la perspectiva del Diseño

Ana Célia Carneiro Oliveira[1]
Nadja Maria Mourão[2]
Flávia Neves de Oliveira Castro [3]

Resumo

Mudanças e formação de novos conceitos despertam a atenção para a concepção de uma nova consciência social. Neste contexto, sob o olhar do design, apresenta-se a importância da biofilia na vida humana, ou seja, a importância do contato humano com a vegetação, seja por meio de jardins internos, externos, verticais e de cobertura, parques, bosques, lagos e paisagens naturais, bem como o vínculo destes espaços com os sentimentos paz e tranquilidade. Busca-se analisar as transformações percebidas na função de design, das pessoas com as plantas nos ambientes que elas habitam. Inclusive, o comportamento dos designers frente às transformações recentes, que envolvem os protocolos recomendados pela Organização Mundial de Saude. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com análise de investigações para compreender a relação das pessoas com as plantas, em ambientes urbanos. O mundo enfrenta transformações drásticas para o comportamento humano. A pandemia causada pelo coronavirus (COVID-19) condicionou as famílias a permanecerem em casa. Percebeu-se que o homem é capaz de alhear-se e criar estruturas para distante das soluções habituais, mesmo num panorama invasivo, colocar afinidades afetivas que incorporem as exigências do mundo cotidiano. Neste ponto toca pontuar o valor do ócio criativo.

Palavras-Chave: biofilia; design; isolamento social; jardins; vida humana.

Resumen

Los cambios y la formación de nuevos conceptos llaman la atención sobre la concepción de una nueva conciencia social. En este contexto, desde la perspectiva del diseño, se presenta la importancia de la biofilia en la vida humana, es decir, la importancia del contacto humano con la vegetación, ya sea a través de jardines internos, externos, verticales y de techo, parques, bosques, lagos y paisajes naturales, así como la conexión de estos espacios con sensaciones de paz y tranquilidad. Se busca analizar las transformaciones percibidas en la función de diseño, de personas con plantas en los ambientes que habitan. Incluyendo el comportamiento de los diseñadores ante los cambios recientes, que involucran los protocolos recomendados por la Organización Mundial de la Salud. Es una investigación cualitativa, con análisis de investigaciones para comprender la relación entre personas y plantas, en entornos urbanos. El mundo se enfrenta a cambios drásticos en el comportamiento humano. La pandemia de coronavirus (COVID-19) ha condicionado a las familias a quedarse en casa. Se notó que el hombre es capaz de alienarse y crear estructuras para distanciarse de las soluciones habituales, incluso en un escenario invasivo, para colocar afinidades afectivas que incorporan las exigencias del mundo cotidiano. En este punto, se debe puntuar el valor del ocio creativo.

Palabras claves: biofilia; diseño; aislamiento social; jardines; vida humana.

[1] (Mestra em Design; Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG; Belo Horizonte Minas Gerais, Brasil; anaceliadesign@gmail.com).

[2] (Doutora em Design; Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG; Belo Horizonte Minas Gerais, Brasil; nadjamourao@gmail.com).

[3] (Doutoranda em Design; Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG; Belo Horizonte Minas Gerais, Brasil; eudisseflavia@hotmail.com).

1. Introdução

Mudanças e formação de novos conceitos despertam a atenção para a concepção de uma nova consciência social. Salve o verde! Preserve as matas! Precisamos da natureza! São expressões que reiteram os estudos sobre o meio ambiente e conteúdos de disciplinas dos cursos de design. No cerne do paisagismo encontra-se a beleza de projetar com a viva, o design das espécies vegetais.

Olha-se o design das cidades e apreciam-se as formas robustas, separadas por veios de retas e curvas planificadas de asfalto e seus tons de petróleo. Talvez, por ter se habituado às muralhas que protegiam os reinos de invasores, a humanidade ainda sente segurança em meio ao acinzentado das construções dos centros urbanos. O que pensar deste afastamento humano com o meio ambiente?

Esta pergunta incomodou Jane Jacobs (2001) em sua trajetória como ativista urbanista. Ela mostrou que as cidades deveriam atender aos cidadãos e não aos veículos. Em seu livro "Vida e morte das grandes cidades americanas", ainda nos anos de 1960, adotou uma postura deliberada para entender cada bairro como um microcosmo pleno de vida rica, densa de significados.

Neste contexto, os designers, percebem alguns sinais de mudança no comportamento das pessoas. As relações sociais veem se fortalecendo por diversos recursos nos últimos anos e a bandeira de defesa pela natureza se amplia em diversos contextos. As altas temperaturas nas cidades pedem ações emergenciais.

Aos poucos, os jardins recebem maior atenção, se fazendo necessários ao olhar humano. Quando não possível pela carência de espaço, passa a envolver os prédios em propostas verticais, revestimento de paredes e coberturas, aproximando mais ainda, o ser humano da frescura e dos aromas das espécies vegetais. Quando possível, vasos de plantas populares passam a compor o design de ambientes internos, seja para o uso de temperos culinários, para proteção energética das plantas ou simplesmente pelo anseio de ver as flores nascendo e crescendo aos olhos humanos.

Neste contexto, sob o olhar do design, apresenta-se a importância da biofilia na vida humana, ou seja, a importância do contato humano com a vegetação seja por meio de jardins internos, externos, verticais e de cobertura, parques, bosques, lagos e paisagens naturais, bem como o vínculo destes espaços com os sentimentos paz e tranqüilidade. Busca-se analisar as transformações percebidas na função de design, das pessoas com as plantas nos ambientes que elas habitam. Inclusive, o comportamento dos designers frente às transformações recentes que os protocolos recomendados pela Organização Mundial de Saude (OMS). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com análise de investigações para compreender a relação das pessoas com as plantas, em ambientes urbanos.

2. Biofilia e a relação humana

O termo biofilia foi empregado foi biólogo norte-americano Edward Osborn Wilson, com a publicação da obra "Biophilia". O autor argumenta que a relação humana com o meio ambiente se trata de um mecanismo inerente aos seres vivos, herdado após milhões de anos de coevolução junto às demais espécies (WILSON, 1984).

Esta linha de pensamento também se adéqua ao estudo de sistemas na vida humana, iniciado pelo biólogo Ludwig Von Bertalanffy, na década de 20, aliado a outros cientistas, em Viena. Eles inovaram os métodos tradicionais da física, expandindo para a visão holística.

Sistema é um composto de conjuntos de estruturas que se inter-relacionam entre si, onde nenhuma organização pode ser compreendida de forma isolada (MOURÃO, 2011, p.22)

Capra (1996) relata o princípio da interdependência onde todos os membros de uma comunidade ecológica estão interligados em ampla e intrincada trama de relações – "a teia da vida". O autor estabelece um conjunto de princípios de organização ecológica, constituindo um modelo de sustentabilidade para a sociedade – onde os ecossistemas funcionam em redes. Ou seja, o bem-estar advém da relação entre os seres e o ambiente, uma realidade que a humanidade está percebendo por consequência dos inúmeros erros cometidos conta a natureza. As queimadas em uma região irão afetar indiscutivelmente a todas as outras interligadas.

A busca pela humanização dos ambientes conduz o olhar dos designers pesquisadores a analise por diversos aspectos. O que as pessoas estão sentindo falta? Observa-se então a sede das pessoas por passeios ao ar livre, o amor a natureza, o toque nas plantas, o olhar pausado no verde, ou seja, as relações da biofilia.

Os jardins, que já exerciam um papel importante na vida das pessoas, se revestem em novas roupagens como estruturas fundamentais nos ambientes construídos. Os jardins "são formas de expressão do entendimento humano da natureza, com investimento na recriação do sonho do microcosmo perfeito" (CASTEL-BRANCO, 1994. p. 20).

Diferentemente dos elementos arquitetônicos, os jardins são formas de ordenamento do território. São adornos inerentes e vivos, que se modificam pela sua própria natureza e também pela vontade e pelas mãos do homem. Os jardins, inicialmente surgiram como espaços privados, mesclados entre hortas, flores, pomares e plantas medicinais. Em princípio ainda gradeados e limitados aos espaços domésticos, possuíam características fortemente utilitárias (MACHADO, MACIEL, MOURÃO, 2016).

A prática de jardinagem como coadjuvante em processos terapêuticos, que visam a uma maior qualidade de vida, já é constatada. Ulrich (2002) relata que inúmeras instituições que tratam da saúde humana, já implementaram programas de jardinagem e horticultura, nos quais pacientes monitorados por equipes multidisciplinares (terapeutas horticultores, psicólogos, enfermeiros e fisioterapeutas) plantam as mudas que depois recebem seus nomes e poderão ser transplantadas para os jardins. Erickson (2012) apresentou a dimensão dessa prática milenar, ao sugerir a presença de jardins terapêuticos em hospitais de cuidados paliativos. Assim, alguns pacientes poderiam apreciar o tempo ao ar livre, mesmo estando acamados.

Contudo, os jardins requerem atenção e dedicação de tempo, onerando inclusive os ambientes individuais e compartilhados, como condomínios e espaços públicos, escolas, hospitais e outros. No entanto, as pessoas passaram a cultivar suas plantinhas em casa. É uma atividade que requer um tempo flexível e podendo, inclusive, envolver os familiares nas atividades de cultivo e manutenção.

3. Plantas em mosaicos vivos em ambientes internos

O mundo enfrenta transformações drásticas para o comportamento humano. A pandemia causada pelo coronavirus (COVID-19) condicionou as famílias a permanecerem em casa, em função da obrigatoriedade do isolamento em quase todas as nações, generalizada e acentuada no primeiro semestre de 2020. O medo da finitude é a maior barreira enfrentada no processo de elaboração da aceitação da morte, e transpor a existência para uma planta pode ser considerada uma prática humanizadora, uma vez que traz a sensação de continuidade (ZANATTA et al., 2019).

Portanto, muitas pessoas passaram a cuidar mais de suas plantas ou a tê-las em ambientes de convívio. Assim, pensando no dado científico é normal nos seres humanos possuirmos um afeto espontâneo por outras formas de vida, provocado pela afinidade ancestral do ser humano com os outros seres vivos. Isso esclarece o intenso desejo de conviver com plantas e outros animais.

Embora os elementos serem restritos a as pesquisas ainda serem consideradas fracas, as descobertas que abrangem uma ampla variedade de setores – trabalho, educação, saúde, recreação, residência e social – amparam o contato com a natureza ainda tem um grande impacto na qualidade de vida humana (Kellert, Calabrese, 2005).

Este aproximar humano do verde, esta necessidade e falta dele faz trazê-lo para dentro dos lares, jardins internos; como um espaço de varanda, um terraço ou um espaço inerte dentro da casa, apartamento, tornando-se um bom alvo visual ou físico de repouso e ócio (SANTOS, 1987). Segundo esta mesma autora, dessa forma, a calma, bem como os ganhos suplementares de se viver próximo de plantas, podem ser vivenciados por qualquer um que os almeje.

O uso de plantas nas ambiências residenciais humanas apresenta um papel importante, "pois é o local de onde se sai e para onde se volta diariamente" (GRESSLER; COENGA, 2017, p.3). São experiências visualmente prazerosas que podem auxiliar na diminuição do estresse, uma vez que pode alargar emoções positivas. Os espaços residenciais são psicologicamente situados em relação ao significado, bem caracterizados e aconselhados pelos seus relativos possuidores (Sommer, 1973).

5. Considerações finais

Espaços transformados em lugares podem nutrir o sentimento de pertencimento e visam o bem-estar de cada usuário, estimulando as pessoas a conservarem e sustentarem as ambiências naturais e construídas.

Considerando que grande parte da população mundial vive em centros urbanos, onde enxerga-se uma falta de natureza, o design biofílico torna-se muito saliente para os espaços de vivências humanas.

A atenção do designer a essência humana, pode traduzir através de suas ações projetuais um verdadeiro significado cultural e ecológico ao lugar e fortalecer a resiliência em tempos de encasulamento. Este retrata o efeito atual de as pessoas ficarem recolhidas em casa, reduzindo atividades externas. Assim, gera a tendência que desponta, mostrando que as pessoas querem cada vez mais ficar no conforto e segurança do lar, seja trabalhando em casa, criando lugares de lazer e de relaxamento e evitando o contato com a rua, com o inseguro. Os lares passam a ser vistos cada vez mais como um lugar seguro.

O homem é capaz de alhear-se e criar estruturas para distante das soluções habituais, mesmo num panorama invasivo, colocar afinidades afetivas que incorporem as exigências do mundo cotidiano. Neste ponto toca pontuar o valor do ócio criativo.

Referências

CAPRA, F. *A teia da vida.* São Paulo: Cultríx, 1996.

CASTEL-BRANCO, Cristina. *Os quatro rios do Paraíso.* Coautoria com Clara Pinto Correia e José Afonso Furtado Ed. D. Quixote, Lisboa, 1994.

ERICKSON, M. Susan. Restorative garden design: Enhancing wellness through healing spaces. *JAD - Art and Design Discourse*, no.2. jun. 2012. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/321383902/05-RESTORATIVE-GARDEN-DESIGN-Enhancing-Wellness-Through-Healing-Spaces. Acesso em: 19 set. 2020.

GRESSLER, Sandra Christina; COENGA, Danielle. Plantas em casa – ter ou não ter? Eis a questão. *Psicologia Argumento.* Vol. 35, nº 89, p. 01- 20, mar/jun. 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.35.89.24226.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades americanas.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KELLERT, Stephen, CALABRESE, Elizabeth. *The Practice of Biophilic design,* 2005.

MACHADO, Maria Lucia; MACIEL, Rosilene Conceição; MOURÃO, Nadja Maria. *A influência portuguesa nos jardins históricos brasileiros.* In: UD17.NoiseWISE, Porto: Universidade do Porto, 2017.

MOURÃO, Nadja M. *Sustentabilidade na produção artesanal com resíduos vegetais:* Uma aplicação prática de design sistêmico no Cerrado Mineiro. 2011. 205 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SANTOS, Vanessa I. M. *Desenho para um planeta vivo:* biofilia uma solução para o urbanismo e arquitectura sustentáveis. Dissertação (Mestrado integrado em Arquitectura) - Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 1987.

SOMMER, Robert. *Espaço pessoal:* as bases comportamentais de projetos e planejamentos. São Paulo. EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

ULRICH, Roger S. Health benefits of gardens in hospitals. *Conference Plants for People, International Exhibition Floriade, 2002.* Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/252307449_Health_Benefits_of_Gardens_in_Hospital. Acesso em: 19 set. 2020.

WILSON, Edward O. *Biophilia.* Cambridge: Harvard University Press; 1984.

ZANATTA, Amanda A.; SANTOS-JUNIOR, Robiran José; PERINI, Carla Corradi; FISCHER, Marta Luciane. Biofilia: produção de vida ativa em cuidados paliativos. *Saúde debate [online]*. 2019, vol. 43, n.122, pp.949-965. Nov/2019. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-1104201912223.